



## **CASTANHA-DO-BRASIL: ESTRATÉGIAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CADEIA PRODUTIVA NO ESTADO DO ACRE**

**GONZAGA, Dorila Silva de Oliveira Mota<sup>1</sup>; GOMES, Mario Conill<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Engenheira Agrônoma, mestranda do Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – FAEM – UFPEL, [dorila@cpafac.embrapa.br](mailto:dorila@cpafac.embrapa.br)

<sup>2</sup> Engenheiro Agrônomo, Doutor, Professor do Programa de Pós-graduação em Sistemas de Produção Agrícola Familiar – FAEM – UFPEL, [mconill@gmail.com](mailto:mconill@gmail.com)

### **1 Introdução**

Dentre os produtos florestais não-madeireiros a castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) é o principal produto extrativista da região amazônica, manejada por milhares de famílias que vivem na Amazônia. É uma espécie de alto valor comercial no mercado internacional e está inserida no grupo das amêndoas. Sua produção ainda é predominantemente extrativa, sendo, respectivamente, os estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia e Amapá os maiores produtores. O objetivo deste artigo é apresentar estratégias de melhoria para a cadeia produtiva da castanha-do-brasil no estado do Acre, como alternativa de desenvolvimento econômico. Estas estratégias consideram a gestão dos recursos naturais por parte dos extrativistas, a geração de tecnologias desenvolvidas pela pesquisa ao longo da cadeia, o fortalecimento do nível organizacional das associações e cooperativas permitindo maior poder de negociação, a possibilidade de certificação do produto como orgânico e a contribuição do Estado no processo agroindustrial. Os aspectos fundamentais para o desenvolvimento estratégico relativos ao escoamento da produção, criação de linhas de crédito e promoção do produto dependem do nível organizacional e do apoio das organizações.

### **2 Revisão de literatura**

Nas diferentes visões sistêmicas dos sistemas agroindustriais originados das duas correntes de estudos do agronegócio, que são o conceito de *agribusiness* norte-americano e o conceito de cadeia (*Filière*) desenvolvido na França, considera-se o Enfoque do Sistema de Commodities (CSA) e o conceito de Cadeia (*Filière*) Agroalimentar de origens comuns, diferindo nas aplicações de acordo com a ênfase colocada nos diferentes aspectos da teoria (ZILBERSZTAJN, 2000).

Para Zilbersztajn (2000) o sistema agroalimentar – SAG, é visto como uma complexa rede de relações entre agentes e empresas através de contratos, com o fim de disputar o consumidor de um produto, sendo este sistema aplicado aos conceitos de cadeias em geral. Este sistema, com a globalização e novas exigências dos agentes, vêm passando por grandes transformações que atingem desde o consumidor ao produtor de matérias-primas.

A compreensão sistêmica da cadeia agroalimentar é fundamental para identificação das deficiências dos vários elos da cadeia, principalmente para o agricultor familiar e suas cooperativas que necessitam traçar formas inovadoras para organizar o principal eixo que é a produção de matéria-prima, além de exigir uma participação efetiva das organizações. Desta forma, este estudo discutirá o atual contexto da cadeia produtiva da castanha-do-brasil, o processo de construção para criação de estratégias nos aspectos da tecnologia do processo de produção e do nível das organizações rurais.

### **3 O extrativismo da castanha-do-brasil, sua importância para o estado do Acre e estratégias para o desenvolvimento da cadeia produtiva**

A castanha-do-brasil (*Bertholletia excelsa*) constitui-se um produto de grande importância sócio-econômica para os Estados da Amazônia brasileira, especialmente para o Acre, terceiro principal produtor nacional. Faz parte do grupo de extrativismo vegetal não-madeireiro, que junto com a borracha tem um valor sócio-cultural e histórico muito importante (CLEMENT et al, 1999). Está “intimamente ligada à cultura das populações tradicionais da Amazônia, cujos produtos e subprodutos são utilizados como fonte de alimentação e renda”<sup>1</sup>. Encontra-se nas matas de terra firme, inclusive em vários países que fazem parte da Amazônia, cujo fruto denominado “ouriço” pesa cerca de um quilograma, contendo de 15 a 24 sementes. Suas amêndoas são de grande valor comercial no mercado internacional, e representam uma alternativa de renda para os seringueiros da Amazônia, com produção predominantemente extrativa, sendo as áreas de plantio ainda muito reduzidas (SOUZA, 2004).

Atualmente, o Brasil exporta a castanha-do-brasil (com casca e sem casca) para 24 países, destinando-se a comercialização do produto sem casca para Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Alemanha. Na América Latina tem representação econômica internacional no Brasil, Peru e Bolívia, concentrando a maior produção no Brasil e Bolívia, conforme Tabela 1. A produção mundial vem sofrendo queda a partir da década de 1980 devido aos problemas de desmatamento da floresta amazônica, preço baixo e constante da castanha-do-brasil, mercado pouco atrativo, falta de incentivo para agregar valor ao produto e falta de uma política de incentivo à produção (SOUZA, 2006).

Tabela 1 – Produção de castanha-do-brasil (toneladas) nos países produtores da América do Sul, período 1996-2005

Período	América do Sul	Brasil	Participação (%)	Bolívia	Participação (%)	Peru	Participação (%)
1960/69	492.044	403.222	81,9	47.457	9,6	41.365	8,4
1970/79	730.551	579.774	79,3	107.100	14,6	43.677	5,9
1980/89	572.621	378.037	66,0	140.011	24,4	54.573	9,5
1990/99	565.254	312.161	55,2	189.300	33,5	63.793	11,3
2000/05	407.702	146.287	35,9	226.840	55,6	34.575	8,5

Fonte: FAO, 2005 apud Souza, 2006

Dos principais Estados produtores de castanha-do-brasil o Amazonas vem se destacando como primeiro produtor desde 2001, como demonstra a Tabela 2.

Tabela 2 – Quantidade produzida (tonelada) de castanha-do-brasil no Brasil e nos estados produtores, período 1999-2004

<sup>1</sup> Programa Gestão Pública e Cidadania – Projeto castanha-do-brasil do Brasil, 2001 apud Gonzaga, 2006.

<b>Brasil, Estados</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>
Brasil	26.856	33.431	28.468	27.388	24.894	27.060
Amazonas	7.467	7.823	8.352	8.985	9.068	9.150
Pará	5.959	8.935	6.972	5.770	5.361	7.642
Acre	9.613	8.247	5.924	6.674	5.661	5.859
Rondônia	1.935	6.508	5.481	4.385	3.357	2.830
Amapá	1.582	1.639	1.393	1.157	1.048	1.106

Fonte: IBGE – SIDRA, 2006.

Na década de 1990, a produção extrativa de castanha-do-brasil sofreu uma redução de 51,19 mil toneladas para 26,85 mil toneladas, e especificamente no estado do Acre produção variou de 17,50 mil toneladas para 9,61 mil toneladas. Porém, com a criação da Reserva Extrativista (Resex) Chico Mendes e a organização dos extrativistas, a produção sofreu uma leve recuperação, no entanto não mais atingiu os patamares alcançados no início da década de 1990. Contribuiu para este fato a concorrência das indústrias beneficiadoras deste produto na Bolívia.

Com a criação da Cooperativa Agroextrativista de Xapuri (CAEX) em 1990, inaugura-se a primeira usina de beneficiamento de castanha-do-brasil, passando a comprar também a borracha natural, transformando-se na principal reguladora de preços da borracha e da castanha-do-brasil no Acre (MICHELOTTI, 2001). Neste período, os extrativistas organizaram-se em quatro grandes cooperativas possibilitando maior coordenação na comercialização e, estimulados com a criação de uma usina de beneficiamento, decidiram comercializar boa parte da produção de castanha-do-brasil no mercado internacional (GONZAGA, 2006).

A castanha-do-brasil, com a maior parte da produção organizada pelo sistema cooperativista, reunindo 45% do volume produzido e comercializado, conta com o apoio do programa da Companhia Nacional de Abastecimento<sup>2</sup> - CONAB, que subsidia a aquisição da produção desde a safra 2003/04, constituindo-se numa forma de governança garantindo a compra da produção das cooperativas, diminuindo a incerteza e os custos de transação (GONZAGA, 2006).

A infra-estrutura agroindustrial é coordenada pelo Estado, composta por três usinas de beneficiamento com capacidade para processar 50% da produção anual de castanha-do-brasil. Na transformação do produto, há o monopólio na industrialização de beneficiamento da amêndoa, e no processamento da farinha desengordurada e óleo comestível estes produtos são utilizados para fabricação de biscoitos.

A distribuição no atacado é composta por três grupos de empresas compradoras, na qual a mais importante é uma exportadora paraense, que atua nos mercados nacional e internacional (AKATSU, 2005 apud GONZAGA, 2006). Com a queda nos níveis de produção e conseqüente desvalorização deste setor produtivo pelas empresas, o mercado da Bolívia compra grande quantidade da produção brasileira, *in natura*, processando e exportando mais de 80% da castanha descascada, de acordo com Gonzaga (2006).

Analisa-se o processo de inovação da cadeia produtiva da castanha-do-brasil sob os seguintes aspectos: a) atendendo aos padrões de consumo e de mercado internacional; b) modernizando o processo de produção; c) inserindo nova estrutura de produção de bens derivados; d) desenvolvendo tecnologias apropriadas ao manejo sustentável desta espécie. Quanto ao problema da contaminação da amêndoa por bactérias do grupo das Aflatoxinas que pode ocorrer ainda na floresta,

<sup>2</sup> Programa coordenado pela Secretaria Executiva de Produção Familiar – SEPROF, atualmente incorporado ao Serviço de Extensão Agroflorestal - SEAPROF

estudos vêm favorecendo a utilização do produto que atenda as exigências de mercado (GONZAGA, 2006). Procurando adequar as novas regras da globalização, as cooperativas, com o apoio das organizações não-governamentais (ONG's) e instituições do setor agropecuário, contemplam a aquisição da certificação orgânica e florestal da castanha-do-brasil via *Forest Stewardship Council - FSC*<sup>3</sup> (*Conselho de Manejo Florestal*). Por outro lado, o Estado em parceria com a pesquisa e instituições financeiras desenvolve políticas visando dar proteção à espécie, valorizar e divulgar o produto no mercado, desenvolver estudos voltados para melhoria do sistema produtivo, melhorar o nível organizacional das cooperativas extrativistas e subsidiar o transporte da produção (GONZAGA, 2006). A atuação das ONG's no estado do Acre junto às populações tradicionais tem seu destaque em atividades que reforçam a importância da floresta e seu potencial extrativo para sustentabilidade sócio-ambiental, bem como na valorização e divulgação de produtos florestais não-madeireiros no mercado nacional e internacional.

### 3 Conclusão

O estudo demonstra que o extrativismo da castanha-do-brasil no estado do Acre constitui-se como principal atividade econômica para milhares de famílias que vivem na Amazônia. A inovação tecnológica necessária às várias etapas da cadeia produtiva da castanha-do-brasil como manejo da castanheira, processos de coleta e pós-coleta e práticas de processamento do produto, vem sendo desenvolvida em conjunto com as várias organizações e instituições podendo trazer resultados que venham contribuir com a sustentabilidade socioeconômica desta espécie.

As ações governamentais vão desde a implantação de usinas de beneficiamento, a capacitação intensiva de extrativistas e colaboradores das usinas, bem como o apoio às cooperativas e associações no processo de comercialização do produto, contribuindo também para a melhoria de renda dos extrativistas. Porém ainda há necessidade de melhoria na gestão das cooperativas e associações buscando sua consolidação e participação mais efetiva no mercado, através de linhas de crédito específicas e promoção de marketing relativo aos produtos diferenciados da agricultura familiar.

### 4 Referências

CLEMENT, C. R.; CLAY, J. W.; SAMPAIO, P. de T. B. (Ed.) (1999) – *Biodiversidade Amazônica: exemplos e estratégias de utilização*. Inpa e Sebrae-AM. Manaus, AM. 409 p.

GONZAGA, D. S. de O. M. (2006) - *Considerações sobre inovações na cadeia produtiva da castanha-do-brasil no estado do Acre*. Rio Branco, AC. 2006. UFAC/ABIPTI. Monografia (Especialização de Agentes de Inovação e Difusão Tecnológica – AGINTEC).

MICHELOTTI, F. (2001) – *A Cooperativa Agroextrativista de Xapuri: trajetória de organização e gestão*. Dissertação de mestrado. NAEA/UFPA. Belém, PA. 186 p.

---

<sup>3</sup> O FSC Brasil é uma organização não governamental, independente e sem fins lucrativos reconhecido como uma OSCIP (Organização da Sociedade Civil de Interesse Público) e possui cadastro no CNEA (Cadastro Nacional de Entidades Ambientais). <http://www.fsc.org.br/index.cfm?fuseaction=conteudo&IDsecao=73>

SOUZA, I. F. de. (2006) - *Cadeia produtiva de castanha-do-brasil (Bertholletia excelsa) no Estado de Mato Grosso*. Campo Grande, MS. 2006. UFMT. Dissertação de Mestrado – DEA.

ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs.) (2000) - *Economia e gestão dos negócios agroalimentares*. São Paulo, SP. Pioneira, 2000. p. 2-60.